

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOSSOCIOLOGIA NA COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DRAG-QUEEN.

Thaís Zimovski (CEFETMG) - thais.zimovski@yahoo.com.br

Mariana Caeiro (PUC MINAS) - mariana-caeiro@hotmail.com

Resumo:

Este estudo visa compreender como se dá o processo de constituição da identidade drag-queen, trazendo à tona aspectos subjetivos, expressos nas narrativas de suas histórias de vida. Com isso, faz-se possível, ainda, compreender os sentidos e significados atribuídos por esses sujeitos ao seu trabalho como drag-queen. Para tanto, será utilizada a psicossociologia como referencial teórico, já que essa abordagem clínica articula as reciprocidades que permeiam a relação entre sujeito e coletividade, compreendendo-o em sua instância psíquica e em sua instância social (Barus-Michel, 2005). Sendo assim abre-se espaço para se analisar o papel do outro nesse processo relativo à identidade. Em relação aos procedimentos metodológicos adotar-se-ão as histórias de vida a fim de que se possibilite o resgate de aspectos subjetivos concernentes à constituição da identidade drag-queen. Com esta investigação pretendemos lançar luzes sobre outras modalidades de trabalho para além daquelas necessariamente vinculadas às empresas, revelando outras facetas do trabalho humano.

Palavras-chave: Drag-Queen; Psicossociologia; Identidade; Trabalho

Área temática: GT-06 Diálogos sobre o Trabalho

Contextualização e Objetivo

A psicossociologia nos aponta que o trabalho é capaz de influenciar os sujeitos, impactando nos seus processos de subjetivação. Da mesma forma, no ambiente organizacional, os diversos aspectos psicossociais têm o poder de influenciar as atitudes do sujeito, bem como a sua forma de interpretar o mundo e se comportar diante dele. Assim, os estudos realizados e os conhecimentos produzidos sob esta perspectiva podem trazer à luz discussões relativas às experiências ligadas ao trabalho.

É inegável o caráter central assumido pelo trabalho na vida dos sujeitos (Lima, Tavares, Brito & Cappelle, 2013), o que indica que estudos que tratem os aspectos subjetivos presentes no ato de trabalhar devam ser promovidos. As pesquisas realizadas no âmbito da Administração tendem a abordar o trabalho vinculado à alguma organização, isto é, tratando do sujeito na posição de empregado. De certa forma, na contramão dessas investigações, propomos tratar de sujeitos cuja atividade laboral é atravessada por questões que ora se assemelham, ora se diferenciam do que o senso comum concebe por trabalho: as drag-queens.

Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa consiste em compreender como se dá o processo de constituição da identidade drag-queen, trazendo à tona aspectos subjetivos, expressos nas narrativas de suas histórias de vida. Com isso, faz-se possível, ainda, compreender os sentidos e significados atribuídos por esses sujeitos ao seu trabalho como drag-queen. Este por sua vez consiste basicamente em dublagens musicais e apresentações de coreografias, mais conhecidas como “bate-cabelo” e, geralmente, a artista se apresenta ao público em um palco ou é contratada para fazer a animação de festas (Jesus, 2012; Amanajás, 2015).

Nessa direção, entende-se que a identidade, enquanto base da saúde mental dos sujeitos, decorre da socialização e da aprendizagem social. Por esse motivo, o trabalho pode ser entendido como um dos aspectos constituintes dessa identidade, destacando-se, ainda, o papel do outro nesse processo (Macedo & Heloani, 2013). Portanto, a situação de trabalho dos sujeitos coloca-os constantemente em contato com este outro e, com isso, revela-se como um conjunto de ações que permitem ao sujeito afirmar-se consigo mesmo (Bendassoli & Soboll, 2011).

Transformista ou drag-queen é um artista que se veste de maneira estereotipada de acordo com o gênero feminino, para fins artísticos ou de entretenimento, sendo que a sua personagem não tem relação, necessariamente, com sua identidade de gênero ou

orientação sexual (Jesus, 2012, p.10). O trabalho das drag-queens caracteriza-se como performático e, assim como a prostituição, é uma atividade marginalizada pela sociedade, especialmente devido às tradições religiosas. No entanto, as raízes da atividade performática das drag-queens encontram-se dentro da própria igreja. Isso porque esta lançava mão de peças teatrais como estratégia de evangelização, e devido à pequena participação de mulheres, jovens rapazes eram treinados para interpretar anjos assexuados ou Marias nas encenações (Amanajás, 2015).

Nesse sentido, o estudo de Chidiac & Oltramari (2004) aponta para o fato de que a identidade das drags se mostra diferente da identidade de seu criador em vários aspectos. Isso quer dizer que quando está “montado” como drag-queen, o sujeito costuma manifestar uma série de comportamentos e atitudes que passam a compor a nova identidade.

Recentemente, a cultura drag deixou o *underground* e se lançou no *mainstream* da publicidade e dos padrões de consumo internacionais. Esse padrão de cultura é representado pelas vestimentas exuberantes, pela maquiagem carregada e por comportamentos expansivos. Com a disseminação da cultura drag internacionalmente e os movimentos de naturalização LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais), no final do século XX, a cultura drag, até então marginalizada, se juntou ao movimento de libertação sexual e de gênero (Amanajás, 2015). Além disso, cada vez mais pessoas tem acesso à essa cultura graças ao reality “*RuPaul’s Drag Race*” e sua repercussão atinge camadas que não se limitam ao costumeiro público LGBT (Moraes, 2015).

Para aprofundar na investigação do trabalho das drag-queens, consideramos apropriado utilizar as clínicas do trabalho. Estas configuram-se como um conjunto de teorias com foco no estudo da relação entre trabalho e subjetividade. Contemplam abordagens que visam a compreensão dos sentidos que vão sendo coproduzidos pelo conjunto de trabalhadores em seus respectivos contextos de trabalho (Pinto, Carreiro & Rodriguez, 2016).

No caso desta investigação, adotaremos a psicossociologia porque essa abordagem clínica articula as reciprocidades que permeiam a relação entre sujeito e coletividade, compreendendo-o em sua instância psíquica e em sua instância social. Portanto, considera um sujeito impossível de se isolar experimentalmente e duplamente constituído, ao colocá-lo inscrito em um universo social e considerar seus elementos

intrapésíquicos singulares, de natureza inconsciente (Guimarães, 2014; Carreteiro & Barros, 2011; Barus-Michel, 2005).

Ao utilizar a abordagem psicossociológica, é necessário compreender a configuração organizacional dos locais onde as drags atuam, elucidando a questão da hierarquia e ordem nesse meio. Apesar de haver muita divergência em relação a uma estrutura universal, os diversos subgrupos se enxergam ordenados hierarquicamente de acordo com o status de cada um deles. Estão entre estes subgrupos: dançarinas, drag queens, stripers e prostitutas. Estes, além de se ordenarem de acordo com o prestígio social, também estão inseridos em outras formas de arranjo organizacional, por exemplo, ganho financeiro e o sucesso em se passar por mulher.

O corpo é objeto de pesquisa para os estudos científicos em administração desde a teoria clássica de Taylor, passando pela Escola das Relações Humanas e perpetuando até hoje por meio da abordagem funcionalista. Em todas estas há uma intenção comum de instrumentalizar o corpo e promover maiores controle e aproveitamento do trabalho humano (Souza, Costa, & Pereira, 2015; Flores-Pereira, 2010). Para além dessa compreensão, entendemos que o corpo é elemento constituinte da identidade dos sujeitos (Souza, 2000), especialmente para as drag-queens.

Portanto, escolher o trabalho das drags como objeto de pesquisa visa promover uma discussão acerca da autonomia do trabalhador em relação ao seu próprio corpo, entendendo a importância dessa reflexão para os estudos organizacionais. A utilização do referencial de uma das clínicas do trabalho encontra respaldo no fato de que essas abordagens tratam de grupos de pessoas marginalizadas e expostas a condições de vida que fogem ao padrão considerado aceitável (Bendassoli & Soboll, 2011).

A psicologia das organizações é marcada pela utilização de uma matriz neopositivista, pautada no referencial cognitivo-comportamental. A consequência desse fato, de maneira geral, é a compreensão do trabalho como atividade geradora de valor econômico (Bendassoli & Falcão, 2013). Ao adotar como referencial teórico as clínicas do trabalho, busca-se por um sujeito fazedor de sentido.

Por fim, a psicossociologia oferece as bases necessárias para discutirmos acerca da constituição da identidade drag-queen. Isso porque ao considerar que o sujeito é duplamente constituído, psíquica e socialmente (Guimarães, 2014; Carreteiro & Barros, 2011), abre-se espaço para se analisar o papel do outro nesse processo.

Metodologia

Baseando-se em um enfoque “clínico e ao mesmo tempo plural” (Bendassoli & Soboll, 2011), propõe-se realizar uma imersão nas histórias de vida dos sujeitos e nos remanejamentos psíquicos presentes na vida e no trabalho das drag-queens, entendido aqui como um trabalho performático. Esta escolha metodológica visa dialogar com os preceitos da psicossociologia, que por sua vez entende os trabalhadores como sujeitos de palavra, ou seja, que se constitui pela fala, e por intermédio da qual constrói sua própria existência (Chanlat, 1996).

Sobretudo, chamamos atenção para o fato de que as histórias de vida colocam o ser humano no centro de sua própria experiência, construindo, através do relato, o campo da sua subjetividade (Barros & Lopes, 2014). As histórias de vida elucidam através do discurso os fatores pessoais, familiares e históricos (Pinto, Carreteiro & Rodriguez, 2016).

Esse sujeito, ao recapitular o passado e ao se projetar no futuro, é capaz de perceber o presente como fruto de uma trajetória traçada ora por ele mesmo, ora pelos outros, ora pelas circunstâncias (Barus-Michel, 2005). Sendo assim, as histórias de vida caracterizam-se pelo compromisso com o processo subjetivo de trazer à memória dos sujeitos suas experiências de vida, revisitando esta última (Silva, Barros, Nogueira & Barros, 2007).

Dessa forma, é atribuída ao informante a decisão sobre o que vai relatar, o que faz com que o pesquisador se coloque o mais silencioso possível (Fernandes, 2010). Portanto, lida-se com um sujeito analítico, isto é, com um entrevistado capaz de analisar a própria vida e dar sentido a ela enquanto elabora narrativa (Pinto, Carreteiro, Rodriguez, 2016).

Conclusões

Tendo em vista que o trabalho como drag-queen exige que o homem se “monte” como mulher e com isso crie uma nova identidade, entendemos que é desta identidade que esse sujeito dispõe para trabalhar. É necessário salientar que a personagem criada caracteriza-se, principalmente, por apresentar de maneira hiperbolizada os estereótipos femininos e/ou por seu comportamento cômico.

Com esta investigação pretendemos lançar luzes sobre outras modalidades de trabalho para além daquelas necessariamente vinculadas às empresas, revelando outras facetas do trabalho humano. Afinal, o trabalho como drag-queen pode conter elementos que o aproxima de outros trabalhos convencionais, como por exemplo as questões relacionadas à hierarquia, jogos de poder, liderança etc.

Entendemos que as pessoas assumem diversos papéis ao longo de suas vidas e essas representações são também transferidas para o ambiente laboral. Isso porque as profissões, de maneira geral, configuram-se a partir de certos estereótipos que se reproduzem através dos sujeitos que exercem aquele ofício. Isso quer dizer que construímos expectativas de comportamento, de valores, de vestuário dentre outras, de forma associada à atividade profissional desempenhada por um determinado sujeito, o que se relaciona diretamente à identidade.

Por fim, há o interesse em dialogar acerca das aproximações propostas neste estudo, ou seja, articular as reais contribuições do referencial psicossociológico e da metodologia adotada. Basicamente, é necessária e fundamental a reflexão sobre a questão da construção da identidade dialética drag-queen. Dialética porque ao ser criada no, para e pelo trabalho passa a constituir, também, aquele sujeito criador da personagem.

Referências

- Amanajas, I. (2015). Drag Queen: Um Percurso Histórico Pela Arte dos Atores Transformistas. *Revista Belas Artes*, 16, 1-23.
- Barros, V. A., & Lopes, F. T. (2014). Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual* (Eloisio Moulin de Souza, orgs) Vitória: EDUFES. (296 p.).
- Barus-Michel, J. (2005). Clínica e Sentido. Barus-Michel, J.; Enriquez. E. e Lévy, A., *Dicionário de Psicossociologia*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Bendassoli, P. F. & Falcão, J. T. da R. (2013). Psicologia social do trabalho sujeito: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Universitas Psychologica*, 12(4), 1155-1168.
- Bendassoli, P. F., & Soboll, L. A. (2011). Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: Bendassoli, P. F.; Soboll, L. A. *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Carreiro, T. C. O., & Barros, V. A. (2011) Clínicas do Trabalho: contribuições da psicossociologia no Brasil. In: Bendassoli, P. F.; Soboll, L. A. *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Chanlat, J. F. (1996). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 1ª ed. – 7ª reimpressão. São Paulo: Atlas.
- Fernandes, M. E. (2010). História de vida: dos desafios de sua utilização. *Revista Hospitalidade*, 7(1), 15-31.
- Flores-Pereira, M. T. (2010). Corpo, pessoa e organizações. *Organizações & Sociedade*, 17(54), 417-438.
- Guimarães, L. de V. M. (2014). Entre o céu e o inferno: confissões de executivos no topo da carreira profissional. 211 f. [Tese de Doutorado em Administração] - Universidade Federal de Minas Gerais, CEPEAD, Belo Horizonte.
- Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Publicação online, abr. 2012.
- Lima, M. P., Tavares, N. V., Brito, M. J., & Cappelle, M. C. A. (2013). O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(2), 42.

- Macêdo, K. B., & Heloani, R. (2013). Identidade. In Vieira, F. O., Mendes, A. M., & Merlo, A. R. C. (Orgs). *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho*. Curitiba: Juruá.
- Moraes, R. R. C. (2015). Rupal's Drag Race e Seu Fandom: Um Nicho em Expansão. *Revista Científica do Curso de Comunicação Social da UFMA*. 94-104.
- Pinto, B., Carreiro, T., & Rodriguez, L. (2016). Trabalhando no "entre": A História de Vida Laboral Como Método de Pesquisa em Psicossociologia. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 941-985.
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M. & Barros, V. A. de. (2007) "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Revista Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1(1) 25-35.
- Souza, N. G. S. (2000). Representações de corpo-identidade em histórias de vida. *Educação & Realidade*, 25(2).
- Souza, E. M., Costa, A.S.M., & Pereira, S.J.N. (2015). A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. *Cadernos Ebape*, 13(4),727-742.
- Chidiac, M. T. V., & Oltramari, L. C. (2004). Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de psicologia*,9(3), 471-478.